

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O último interdito em nossa sociedade [The last forbidden in our society]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-16 19:43:57
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160572

O último interdito em nossa sociedade

Roland Chemama, psicanalista francês, debate a pedofilia como um de nossos últimos impedimentos sexuais, e pondera que esta não deveria ser homogeneizada enquanto fenômeno. É preciso diferenciar o poder do Pai daquele exercido pelo violador incestuoso

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

A pedofilia não deveria ser homogeneizada, alerta o psicanalista francês Roland Chemama em entrevista exclusiva, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Segundo ele, essa prática não é um sintoma de um mal-estar maior do Ocidente, e sim “o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais”. A sexualidade com crianças parece ter sido o último interdito que resta em nossa sociedade: “O homem de idade adulta que é atraído por meninas muito jovens, aquele que procura para si alguns vídeos sem passar ao ato, e o criminoso que mata suas vítimas depois de tê-las violado, não têm grande coisa a ver. Eles tendem, no entanto, cada vez mais, a serem confundidos um com o outro, sem dúvida porque nossa modernidade, que renunciou a censurar a maioria dos prazeres que ontem eram interditos, só conserva este interdito, o da sexualidade com crianças”. Chemama afirma, também, que é preciso diferenciar a autoridade do Pai do tipo de poder exercido pelo pai violador, no caso, incestuoso. “Este não concretiza autoridade, ele solapa toda autoridade paterna possível”. Outro aspecto discutido na entrevista é a possível conexão entre a depressão com as práticas perversas.

Roland Chemama esteve na Unisinos, em novembro de 2007, quando proferiu uma conferência debatendo aspectos do seu livro *Depressão, a grande neurose contemporânea* (Porto Alegre: CMC, 2007). Membro da Associação Freudiana Internacional, é organizador de *Dicionário de Psicanálise* (São Leopoldo: Unisinos, 2007) junto com Bernard Vandermersch. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a psicanálise compreende o fenômeno da pedofilia?

Roland Chemama - A meu ver, é precisamente lastimável que se tenha chegado a fazer da pedofilia um “fenômeno” no sentido em que se homogeneizaram práticas ou desejos que podem ser muito diversos. O homem de idade adulta que é atraído por meninas muito jovens, aquele que procura para si alguns vídeos sem passar ao ato, e o criminoso que mata suas vítimas depois de tê-las violado, não têm grande coisa a ver. Eles tendem, no entanto, cada vez mais, a serem confundidos um com o outro, sem dúvida porque nossa modernidade, que renunciou a censurar a maioria dos prazeres que ontem eram interditos, só conserva este interdito, o da sexualidade com crianças.

IHU On-Line - Quais são os motivos

que conduzem alguém a tornar-se pedófilo?

Roland Chemama - Da mesma forma como “a pedofilia” não deveria ser homogeneizada, assim o que pode clarear a pedofilia dos indivíduos em particular é muito diverso. Encontra-se, sem dúvida, certo número de perversos que escolheram este objeto particular, num apetite de gozo que recusa toda restrição, mas também se encontram muitos jovens adultos tímidos e “complexados” que não ousam dirigir-se a um parceiro adulto e que, pouco a pouco, fazem desta limitação uma coordenada necessária de seu desejo (encontrei diversos “pedófilos” que não chegavam a se distinguir dos adolescentes que eles solicitavam). Enfim, não negligenciamos o grande número de casos em que o sujeito foi ele próprio, em sua infância, vítima de uma violação que ele vai

depois repetir, tornando-se o autor.

IHU On-Line - Em que medida a pedofilia é um sintoma de um mal-estar ainda maior na contemporaneidade, inserido na nova economia psíquica do Ocidente?

Roland Chemama - De fato, o verdadeiro sintoma não é aqui a pedofilia, que não parece mais difundida do que em épocas anteriores, mas o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais.

IHU On-Line - Considerando os casos de pedofilia no interior da família, como este fato terá sua repercussão na figura do pai como um arquétipo de autoridade e em sua dilapidação como pessoa num contexto específico, familiar?

“O verdadeiro sintoma não é aqui a pedofilia, que não parece mais difundida do que em épocas anteriores, mas o que ela vem indicar sobre a culpabilidade moderna ligada à dificuldade em assumir valores e escolhas morais”

Roland Chemama - Para falar de pedofilia na família, é preciso introduzir o termo do incesto, que levanta bem outras questões. Além disso, é preciso, sem dúvida, distinguir a autoridade do Pai, a autoridade que tem um valor paternal, do tipo de poder que se arroga o pai violador. Este não concretiza autoridade, ele solapa toda autoridade paterna possível. Além disso, é preciso relevar que aquelas e aquelas que foram vítimas de tal comportamento deploram em particular o fato de que após esse ato eles ou elas não tinham nenhuma pessoa em quem confiar, nenhum recurso possível.

IHU On-Line - Há ligação entre a depressão, como a grande neurose contemporânea, e a pedofilia, como a prática sexual no momento mais condenável?

Roland Chemama - Você parece fazer alusão ao livro que escrevi sob o título *Depressão, a grande neurose contemporânea*. É verdade que a perda de confiança, quer ela se refira ao pai ou a outra pessoa da geração anterior, tem frequentemente efeitos depressivos. Aliás, não é impossível que práticas pedófilas, como outras práticas perversas, ou ainda como o alcoolismo ou a toxicomania, constituam em certas pessoas maneiras de tentar lutar contra uma depressão fundamental.

Nem sempre a pedofilia foi considerada algo errado

Qualificação como crime surgiu na legislação a partir do século XIX, aponta historiador Thomas Lacqueur. Sociedades modernas passaram a compreender a prática como errada porque crianças e jovens não têm condições de formar juízos corretos a respeito

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

A legislação enquadrou a pedofilia como crime somente a partir do século XIX. De acordo com o historiador Thomas Lacqueur, ela “tende a ser errada nas sociedades modernas porque exige que jovens que, por várias razões, não têm condições de formar juízos corretos nessa e em outras esferas se envolvam em práticas que violam normas comunitárias”. Ele discorda que a sacralização da infância faça com que as crianças se tornem mais “atrativas” sexualmente: “A infância não era sacralizada na Grécia antiga ou nos internatos da Europa do século XVIII, e ambos tinham culturas pedófilas, abertamente e com muita ostentação no primeiro caso”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à IHU On-Line.

Lacqueur leciona na Universidade de Berkeley, Estados Unidos, e é especialista em história social e da medicina. Escreveu, entre outros, *Inventando o sexo - corpo e gênero dos gregos a Freud* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001) e *Le sexe em solitaire. Contribution à l'histoire culturelle de la sexualité* (Paris: Gallimard, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que a pedofilia é uma “coisa errada”?

Thomas Lacqueur - A pedofilia não é uma coisa errada em todos os tempos e lugares. Ela tende a ser errada nas sociedades modernas porque exige que jovens que, por várias razões, não têm condições de formar juízos corretos nessa e em outras esferas se envolvam em práticas que violam normas comunitárias. Ela também está, muitas vezes, vinculada a um mercado pornográfico embaraçoso, e potencialmente prejudicial. Neste contexto, a pedofilia é especialmente problemática e constitui uma forma repreensível de trabalho infantil, que também pode ser prejudicial às crianças.

IHU On-Line - O pensamento de alguém se relacionar com crianças o

torna, necessariamente, pedófilo?

Thomas Lacqueur - Não, assim como ter fantasias a respeito de assassinar um chefe odiado ou ter fantasias de estupro não torna a pessoa um assassino, estuprador ou alguém que quer ser estuprado.

IHU On-Line - A sacralização da infância fez com que as crianças se tornassem mais “atrativas” sexualmente? Desde quando existe essa “aura” de sacralidade em torno da infância?

Thomas Lacqueur - Penso que não. A infância não era sacralizada na Grécia antiga ou nos internatos da Europa do século XVIII, e ambos tinham culturas pedófilas, abertamente e com muita ostentação no primeiro caso.